

Una investigación genético-arqueológica de “América - un poema de amor ”

Autora: Mariana Ianelli¹

Resumen:

“América - un poema de amor”, escrito en abril de este año, en el contexto de la cuarentena prolongada en Brasil, viaja a través del tiempo y el espacio desde la voz de esta tierra continental, que es también la voz de una mujer y de la poesía misma. El texto investiga las posibles fuentes y memorias de esta América, a partir de registros de viajes familiares, objetos de excavación, lectura de mapas de poetas latinoamericanos e intercambios entre artistas latinoamericanos.

Palabras clave: América Latina; Poema de amor; Arte latinoamericano; memoria.

Uma investigação genético-arqueológica de “América – um poema de amor”

Resumo:

“América – um poema de amor”, escrito em abril deste ano, no contexto da quarentena prolongada no Brasil, faz uma viagem no tempo e no espaço através da voz dessa terra continental, que é também a voz de uma mulher e da própria poesia. O texto investiga as possíveis fontes e memórias dessa América, a partir de registros de viagem de família, objetos de escavação, mapas de leitura de poetas latino-americanos e intercâmbio entre artistas da América Latina.

Palavras-chave: América Latina; poema de amor; arte latino-americana; memória.

¹ Mariana Ianelli nasceu em São Paulo em 1979. É autora de treze livros de poesia, entre eles a antologia *Manuscrito do fogo* (2019), que marca vinte anos de poesia, e *América – um poema de amor* (2021). Tem três livros de crônicas (*Breves anotações sobre um tigre*, *Entre imagens para guardar* e *Dia de amar a casa*) e dois livros infantis (*Bichos da noite* – selo altamente recomendável FNLIJ 2019 – e *Dia no ateliê*). Recebeu o Prêmio Fundação Bunge de Literatura (Juventude) em 2008, menção honrosa no prêmio Casa de las Américas (Cuba) em 2011 (livro *Treva alvorada*) e foi quatro vezes finalista do Jabuti em poesia (livros *Fazer silêncio*, *Almádena*, *O amor e depois* e *Tempo de voltar*). Desde agosto de 2018 edita a página *Poesia Brasileira* no jornal literário Rascunho. Escreve crônicas aos sábados na revista digital Rubem e no site do jornal Rascunho.

*Sim e sim: amar com o mesmo amor
- nossa bênção e nosso anátema –*

(tudo suave e ácido, cintilação e sombra)

*Em mútuo desamparo, amantes sussurram:
Tânatos é puro*

*Um claustro se abre
e línguas de argila e ardor são arremessadas
na superfície do mundo*

*Seu coração em minha boca, minha boca em seu coração:
sorvo e ascendo*

Marize Castro (Jorro - trecho)

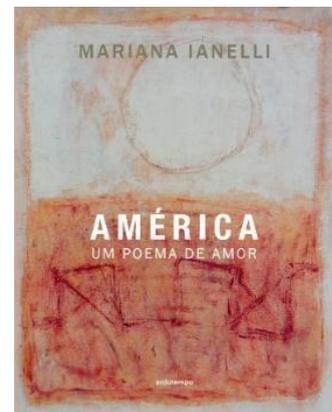


Imagen de portada del libro

O que sabe o poeta de seu poema enquanto o escreve? O que nele é sujeito da escrita e simultaneamente testemunha? Quantas são as camadas de tempo da palavra poética e quais forças atuam no despertar dessas memórias? Do que é feito esse vão, que trai (positivamente)

o poeta, entre o pretendido e o surpreendente para ele mesmo? Será possível que o próprio poema ilumine o poeta, *a posteriori*, e então o faça enxergar o que ele nem sabia que sabia?

Ensaio aqui uma investigação genético-arqueológica de “América – um poema de amor”, escrito ao longo de nove noites, em abril deste ano de 2021. Num fluxo contínuo, como dentro de uma única noite desdobrável, o poema é todo ele um chamamento a uma viagem (a dois). A voz que chama é de América, uma terra-continente, terra de língua metamórfica, voz da poesia, que é a voz de uma mulher: uma mulher-terra-poesia que recebe aquele que vem, que se deixa tocar, dá de comer e dispõe seus haveres sempre numa relação recíproca: também ela tocando, comendo, dispondo dos bens deste que vem.

A geografia dessa mulher-terra-poesia que fala tem exuberância de cio e de ruínas. Uma geografia de vulcões sobre cidades e pirâmides que sobrevive às centenas de gerações que passam por ela, século após século, e que se alimenta dessa sucessão humana infinita. É uma América de porções férteis, frutíferas, de amarelos e vermelhos vivos, de pimenta e caldos quentes, e também das lãs do sul e do cume das montanhas. Uma geografia de matas cheias de cigarras e bosques de cedros ondem copulam borboletas. Onde estão plantados antigos templos (antigos tempos) abertos à visitação, observatórios, serpentes e relógios de pedra, tumbas que guardam joias, cerâmicas e amuletos de uma vida pessoal (e coletiva) engolida por novas vidas e outros tempos.

E porque, antes de tudo,   amante, essa Am eric a abrange – e homenageia –, num mapa compósito e corpóreo (em referências implícitas), alguns dos grandes poetas latino-americanos do amor, como Octavio Paz, Mario Benedetti, Pablo Neruda, Juan Gelman, Cortázar, Vinicius de Moraes, Marco Lucchesi. Am eric a é a amante (uma entre inúmeras possíveis) que lhes responde, a mulher, antes poema, que agora canta. É aquela que se dá, para ser corpo do poema, para dar gozo   língua no seu ritmo e dar gozo   vista em suas imagens. Uma mulher-terra-poesia com uma verve entre a paixão e a loucura, que também bebe do fogo de pelo menos uma poeta do amor dos tempos de hoje: a potiguar Marize Castro e seu (mais recente) livro “Jorro”.

Face espelhada dessa América de amor, uma mulher-terra-poesia de mistérios atados à morte, segredos de alquimia, chás alucinógenos, trânsito entre mundos, tráficos, ressurreições, belezas clandestinas, que inclui em seu mapa imaginário (também em referências implícitas) artistas do fantástico, do mistério e do onírico, como Remedios Varo e Rufino Tamayo.

Três tempos se entrecruzam nessa viagem – o tempo dos mortos, o tempo dos vivos e o instante do encontro, a síntese luminosa. A passagem de um a outro, ou esse encontro, esse cruzamento, teve ocorrência algumas vezes antes desse poema ser escrito. Envolve um contexto familiar: as viagens realizadas por meu avô Arcangelo Ianelli, em participação como artista plástico nas primeiras bienais latino-americanas, entre os anos de 1970 e 1990, na Colômbia (II Bienal de Arte de Coltejer e IV Bienal de Medellín), no México (I Bienal Ibero-Americana de Pintura), na Venezuela (I Bienal Latino-Americana de Caracas) e no Equador (II Bienal Internacional de Pintura de Cuenca e III Bienal Internacional de Pintura de Cuenca – sala especial). Também entre o final dos anos de 1970 e 1980, ele expôs em El Salvador, Peru e Costa Rica.

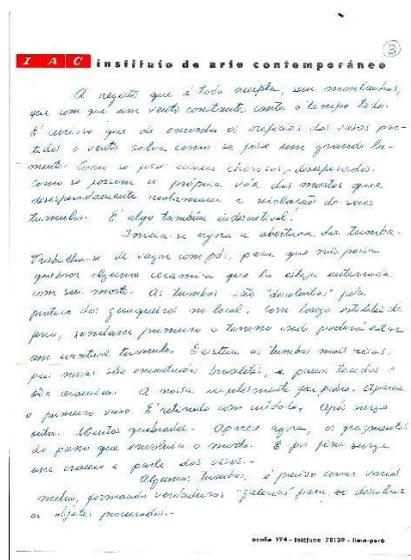
Em 2015, por ocasião da mostra *Superposiciones: Arte latinoamericano en colecciones mexicanas*, no Museu Tamayo, em que obras de meu avô representaram o Brasil ao lado de Sérgio Camargo, escrevi um texto, “Viagens mexicanas”, recuperando alguns registros de viagem, a partir de imagens de slides de família, de pirâmides e sítios arqueológicos que meus avós visitaram quando estiveram no México – entre os quais Teotihuacán, Taxco, Chichen-Itzá. Dentro dessa viagem no tempo, outra: a de Erico Verissimo e sua esposa Mafalda, nos anos de 1950, no livro “México – história duma viagem”. Herdei de minha avó um exemplar desse livro, dedicado a ela pelo próprio autor em abril de 1958. O Prólogo se abre com uma pergunta que a mim mesma pergunta: “Vamos ao México?”.

Poucos anos antes da mostra coletiva no Museu Tamayo, falecia meu avô, em 2009. No esvaziamento da casa e do ateliê, entre os documentos pessoais, ressurgiu uma carta sem data, com timbre do *Instituto de Arte Contemporáneo* de Lima, Peru. Nessa carta, escrita para os filhos, meu avô descreve a abertura de duas tumbas nas imediações do sítio arqueológico de Chancay. O aparecimento desse relato, no instante coincidente de revolver os guardados da

casa do avô, resultou numa primeira síntese luminosa, um poema, “Carta de Chancay”, que publiquei num livro (“O amor e depois”) em 2012:

(gravação poema Chankay)

Figura Nº 1: Página de carta de meu avô, escrita no Peru no final da década de 1970



Fuente: Familia Ianelli

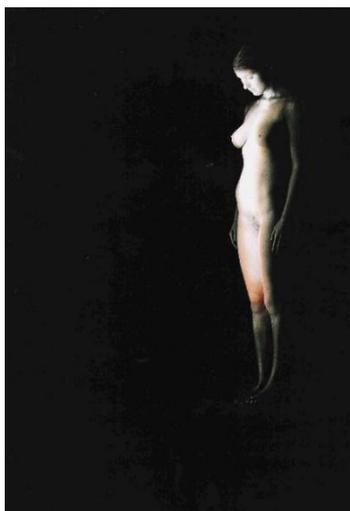
Esses “cacos magníficos”, que ressurgem de tumbas violadas, iluminam no poema nossa própria história. São peças pré-colombianas que voltam a estar presentes em “América”, no corpo do texto e nas imagens que acompanham o livro. Peças que vieram do Peru, no final da década de 1970, e foram incorporadas à sala da casa de meus avós, num tempo em que seus netos nem existiam. Também colares confeccionados com pedras de tecidos funerários, que as

mulheres da família – minha avó, minha mãe, posteriormente eu mesma – usavam no pescoço como joias vivas. Objetos dos mortos, antes pertencentes aos servos de um império inca, ressuscitam agora atados ao pescoço das nossas mulheres. São as joias dessa terra-mulher-poesia chamada “América”, que uma vez foram tiradas de seus mortos e por isso nos puseram atados a eles infinitamente. É também a arte pré-colombiana em que tantos artistas modernos beberam, e que, em seu mistério de forças desconhecidas, também nos chama, nos possui e nos sobrevive.

Nos Cantos de “Tabasco” (2009), livro que a poeta Lucila Nogueira escreveu durante uma de suas viagens ao México, também há essa força de ressurreição de outras vidas e outros tempos em tesouros de cacós magníficos: “meu colar é todo feito de ossos de jaguar / o meu manto é de contas coloridas / e eu uso os caracóis como trombetas / para chamar desde o inframundo / as figuras de carne e barro / que se erguem das tumbas até os santuários de sacrifício da Guatemala” (versos finais do Canto VI).

Outro projeto de meu avô, no âmbito das artes latino-americanas, está na memória da pele de “América”. Refiro-me à sua participação no *Taller Experimental Cuerpos Pintados*, idealizado e concebido pelo fotógrafo chileno Roberto Edwards, em 1994, projeto que reuniu artistas de diversos países da América Latina para a criação de trabalhos usando como suporte o corpo humano. Parte desses trabalhos esteve em exposição, em grandes fotografias, na Oca, Parque do Ibirapuera, no Brasil, em 2005. Meu avô escolheu pintar apenas sobre corpos femininos. A partir de estudos de cor sobre papel, criou vibrações em branco, azul e vermelho nos corpos das modelos como se essas mulheres emanassem luz. Essa nudez de pele pintada é também a da terra-mulher-poesia de “América”, aquela sobre a qual se escreve, iluminando-se a si mesma.

Figura Nº 2: Obra de Taller Experimental Cuerpos Pintados – Arcangelo Ianelli



Fuente: Roberto Edwards

Uma terra que recebe o quanto nela se faz, e que responde em sua paisagem ao que lhe fazem. Mulher que chama, porque ama e deseja, e também suporta o quanto lhe fazem, amanhã vingando (e se vingando) em vida nova. Uma poesia que é puta do mais íntimo recinto de centenas de línguas e mãos, traiçoeira como Malinche, feiticeira de transmutações da morte, feral em seu corpo de linguagem, misteriosa em seu alcance e suas fontes. Essa é a América que fala no poema, num fluxo contínuo, ora num crescendo, ora em ritmo marcado. Sua estrutura tem quatro partes invisíveis, demarcadas por versos de chamamento (4-3-3). Espelham-se a primeira e última partes, cada uma composta de 35 versos. Espelham-se a segunda e a terceira partes (amor/desejo e morte/mistério), cada uma composta de 70 versos. Também os versos propriamente ditos dessas “partes centrais” se espelham, por exemplo:

Violamos e somos devorados
Lambemos até a última gota desse apimentado caldo
De guasqueiros tecelãs pastores de rebanhos
Sonhadores no crepúsculo com suas flautas de osso
Lambemos esse espírito da terra e somos devorados
Para isso viemos: somos parte do banquete
Nem é preciso lembrar os grandes poetas
Que apaixonaram povos de mulheres cantando apenas uma
E mudaram as cidades em outras pintando-lhes os muros
E tornaram nosso quarto um dos centros sagrados do mundo
E exaltaram nossas asas até renunciarmos à renúncia
Muito já ardemos com esses corações de fogo
Também nós temos os nossos nomes para o animal da noite
Cintilante em seu contorno zodiacal de estrelas

Esse animal orvalhado do amor nascendo

*

Violamos e somos devorados
Temos os servos atados ao pescoço (e seus mistérios)
Nossos gestos aos deles confundidos
Eco de um canto soprado há muito tempo
Nosso noturno banho de luz de astros extintos
Somos parte da beleza abocanhada dessas terras (e seus mistérios)
Nem é preciso lembrar os taumaturgos de ontem
Que se sentaram lado a lado com os chacais os pumas os tigres
E acenderam constelações oficiosas entre humanos
E voltaram do inframundo mascarados mensageiros
Os que altearam labaredas de cabelos torres vertiginosas cones de tempo
Muito já vimos através desses olhos feiticeiros
Também nós temos nossa cozinha secreta de alquimias
Palavras reunidas como folha e cipó num chá que bebemos
Palavras que se tocam e se acendem

Para a gravação do poema em podcast, fiz uma leitura em quatro partes (3' – 5' – 5' – 3'), que dura o tempo aproximado de uma relação, coito dessa terra-mulher-poesia com aquele que vem. A primeira parte é a que prepara o chamamento, o nome de “América” e seu corpo milenar, seu lugar de muitos deuses, sua geografia de montanhas e grutas, tudo um convite à viagem por esse corpo-continente. Um convite a redescobrir Corinto, não do outro lado do Atlântico, mas a Corinto da América Latina, Corinto da Nicarágua. Um convite sem cerimônia, pela verve, a redescobrir esses nomes aparentemente já sabidos, para deles se acercar por atração amorosa.

A última parte, que espelha a primeira, verbaliza esse desejo de viagem por direito do amor, sem intenções heroicas ou gloriosas, apenas para que essa terra-mulher-poesia ilumine a si mesma pelos olhos do outro. “Talvez ‘o eterno’ seja isto: este olhar-se a si mesmo e ser olhado, o olhar. A faísca, a labareda, a claridade, a luz dos olhos que perguntam, desejam, contemplam, compreendem. Ver: iluminar, iluminar-se” - diz Octavio Paz no prólogo a “Instante y Revelación”. Esse o desejo de “América”, verbalizado na parte final: “chegar a apenas um par de pálpebras descerradas na noite”.

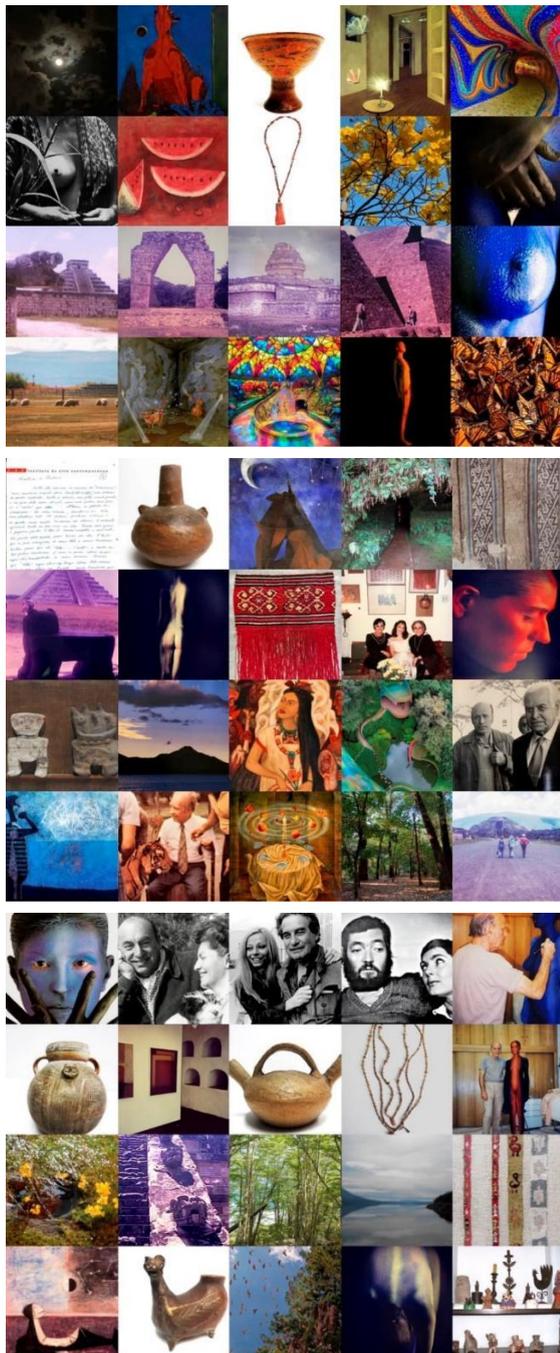
Na síntese luminosa desse encontro de tempos, dos vivos e dos mortos, é noite. Noite de ler o entorno pelo tato, noite de cegueiras visionárias, transes reveladores, noite de cavernas, tumbas abertas e cio. Outra é a noite do contexto em que o poema foi escrito, no tempo de quarentena estendida no Brasil, sob um governo criminoso que expôs o país à pandemia, produzindo com isso, sob sua própria (ir)responsabilidade, um total de mais de 500 mil mortos, número que ainda hoje não para de crescer.

Nesse tempo confinado, de morte e destruição generalizadas, incêndios nas florestas e nos acervos de cultura, nossa criatura do amor viu-se faminta e louca, isolada dentro de casa. É essa vida viva da carne e do espírito que se levanta, como se pela última vez, com a concentração de forças de uma última vez, para responder às ruínas de hoje. Uma vida viva que se infiltra na poesia transmutando-lhe nela mesma a propensão à destruição, ao vazio, à incomunicabilidade. É Eros podendo contra Tântatos por lhe conhecer os poderes e fazer uso deles em suas alquimias de transmutação. Confinada, sob pressão das circunstâncias, dentro dessa dupla noite de amor e morte, irrompe essa terra-mulher-poesia, filha híbrida de pirâmides pré-hispânicas e vulcões, numa última vez que “exorta a amar urgentemente”.

“América” invoca o “tempo total onde nada acontece / afora seu transcurso afortunado”, esse tempo dos amantes de “Pedra de sol”. Convoca-nos a esse tempo, em que “o mundo é outro / se dois se olham e se reconhecem/ (...) abaixa-se o céu / e as árvores ascendem, o espaço / só é luz e silêncio, só espaço / aberto para as águias dos olhos, / a tribo lívida das nuvens passa, / amarras rompe o corpo, a alma zarpa”. Também à poética de Octavio Paz se alia pela ciência das analogias e correspondências, pela operação alquímica da experiência poética (“em que tudo se comunica e se transforma incessantemente”) e por um magnetismo relacionado com essa terra-contidente, uma atração amorosa pelos guardados (ou roubados) de sua história.

Como seria um possível cosmo visual de “América”? Considerando a ideia da imagem poética desdobrável de Octavio Paz, seria um cosmo de imagens que emprenham imagens num desencadear potencialmente infinito de analogias e correspondências. Ensaio aqui um pequeno mosaico dessas imagens, como novos “cacos magníficos” de reminiscência da viagem no tempo e no espaço a que essa experiência poética me levou.

Figura Nº 3: Cosmo visual de América



Fuente: Mariana Ianelli

Algumas mulheres, escritoras amigas, juntaram-se a essa viagem e leram trechos do poema em vídeo, no lançamento virtual do livro, no final de julho deste ano de 2021. Ganhou voz de mulher essa América de muitas faces e diversas geografías, tão cantada por homens ao longo da história em poemas homônimos (Drummond, Neruda, Whitman, Ginsberg). Devo à poeta

Adriana Lisboa, que participa da leitura do poema num dos vídeos, a oportunidade do diálogo com o poeta mexicano Eduardo Langagne, que traduziu “América” ao espanhol para a edição bilíngue. Junto-me às vozes das mulheres, no corpo de mulher da poesia, na leitura da parte final.

[Vídeo – leitura parte final de América]

Bibliografia e links

CASTRO, Marize (2020). Jorro. Natal: Una.

IANELLI, Mariana (2021). América. Santa Maria: ardotempo.

_____ (2012). O amor e depois. São Paulo: Iluminuras.

IANELLI – Taller Experimental Cuerpos Pintados – Fotografias de Roberto Edwards (2001). Santiago de Chile, Fundación América.

NOGUEIRA, Lucila (2009). Tabasco. Paraty: Selo Off Flip.

PAZ, Octavio (1982). Instante y revelación. México: Circulo Editorial.

_____ (2009). Piedra de sol/Pedra de sol. Trad. Horácio Costa. São Paulo: Demônio Negro.

_____ (2012). O arco e a lira. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify.

Vídeo leitura Adriana Lisboa - <https://www.youtube.com/watch?v=BaNalIS8bpg>

Vídeo leitura Letícia Torres - <https://www.youtube.com/watch?v=fi0x7L6yzJM>

Vídeo leitura Juliana Leite - <https://www.youtube.com/watch?v=yV6sTdnFjAo>

Vídeo leitura Susana Fuentes - <https://www.youtube.com/watch?v=mphTkDdQ-qY>

Vídeo leitura Narjara Medeiros - https://www.youtube.com/watch?v=ApYSMAFOq_E

Podcast América - <https://anchor.fm/mariana-ianelli/episodes/Amrica---um-poema-de-amor-e13283d>

Instagram América - @um_poema_de_amor

Vídeo lançamento “América” –

<https://www.youtube.com/watch?v=9GAU3lPRipQ&list=PLwDMTcC2oRnrT7cl91OGJk51gUyL1zZ1>